

PERCEPTOS SENSORIAIS: Arte, Inteligência Artificial e Heranças Imateriais

Brazil, 2026

Curator

Tânia Fraga

Producer

Byron Mendes (MetaGallery)



Conceito da Exposição

Perceptos Sensoriais propõe uma **nova forma de criar e experienciar a arte**, ao unir **artistas chineses e inteligências artificiais** em um campo de **coautoria sensível**.

Explorando o **patrimônio imaterial, a filosofia oriental, as tecnologias emergentes e os sentidos humanos**, a exposição transforma o espaço expositivo em um **organismo vivo** — onde **arte, ciência e tecnologia** se entrelaçam.

As obras operam como **sistemas perceptivos inteligentes**, que **escutam, sentem e respondem** ao ambiente, criando um **diálogo simbiótico** entre **corpos, algoritmos, matéria e tempo**.

Em vez de utilizar a tecnologia como ferramenta, a exposição apresenta a **IA como parceira criativa**, capaz de ampliar nossa **cognição, percepção e imaginação**.

Trata-se de uma **arte viva, interativa, não linear e acessível**, que **acolhe a diversidade** dos corpos e dos mundos — e convida o público a **participar da construção poética do instante**.

Objetivos da Exposição



Estético–Filosóficos

- Estimular um encontro sensível entre arte, filosofia oriental e tecnologia contemporânea.
- Reivindicar a arte como campo de cognição expandida, intuição e imaginação poética.
- Romper com a lógica da arte como objeto fixo, propondo a arte como processo vivo e relacional.



Tecnológicos e Criativos

- Promover a coautoria entre artistas humanos e inteligências artificiais.
- Explorar tecnologias sensoriais e algoritmos de IA como meios de expressão estética.
- Investigar novas formas de percepção, aprendizado e interação sensorial.



Socioculturais e Políticos

- Preservar e reinterpretar o patrimônio imaterial chinês por meio de linguagens emergentes.
- Criar um espaço acessível, inclusivo e participativo, que acolha a diversidade de corpos, culturas e inteligências.
- Realizar uma das primeiras exposições no Brasil que une arte computacional, filosofia oriental e acessibilidade sensorial em perspectiva internacional.

China ↔ Brasil: Um Diálogo Transcultural

A exposição propõe uma ponte sensível entre duas culturas com histórias milenares e trajetórias tecnológicas distintas, unidas por um desejo comum de reimaginar o tempo, o corpo e a criação.

- A diferença de 11 horas entre China e Brasil se torna uma metáfora viva de descompasso criativo, que inspira novas formas de experimentar o tempo: orgânico, expandido e plural.
- Algumas obras, como Heliotropism Synergy, captam dados solares em tempo real dos dois países, transformando essa defasagem em movimentos cinéticos, projeções e interações poéticas.
- O Brasil torna-se o território onde essas experiências ganham corpo, som e presença — sem exotismo nem hierarquia, mas como um espaço de troca simbiótica entre o material e o imaterial, o local e o global.

Em vez de exportar cultura, a *Perceptos Sensoriais* propõe um **diálogo horizontal e sensível**, onde a **diferença não separa, mas fertiliza**.

Arte, Tecnologia e Poética

As obras de Sensory Percepts operam como sistemas vivos de percepção ampliada, estruturadas em três camadas interligadas:

Extensão Sensorial

Sensores, câmeras, microfones ou dispositivos captam dados sensíveis do ambiente — como som, calor, movimento, luminosidade ou presença do público.

Processamento com Inteligência Artificial

Esses dados são interpretados por sistemas de IA que aprendem, reconhecem padrões e reagem de forma criativa, transformando estímulos brutos em informações poéticas, simbólicas ou estéticas.

Estímulo e Resposta Sensorial

O resultado é devolvido ao público em forma de luz, som, movimento, vibração, imagem ou sabor — criando um diálogo sensível e contínuo entre corpo, máquina e espaço.

*‘A obra sente, aprende, transforma e responde.
Não se mostra: dialoga.’*

Percepção Expandida e Filosofia Oriental

A exposição Sensory Percepts é guiada por conceitos da filosofia oriental, como Chi, Tao, intuição, vazio criativo e complementaridade — que se manifestam tanto na forma das obras quanto na experiência do público.

- Em vez de buscar controle, a exposição valoriza o fluxo, a interdependência e a escuta do invisível.
- A lógica não-linear, cíclica e intuitiva dos processos criativos contrasta com o pensamento racional ocidental baseado em hierarquia, eficiência e objetividade.
- As obras operam como organismos poéticos, que não representam o mundo, mas o vivem — em tempo real, com o público e o ambiente.

Trata-se de uma arte que não entrega respostas, mas ativa perguntas, percepções e estados de presença.

‘A diferença entre ver e perceber está na escuta do invisível.’

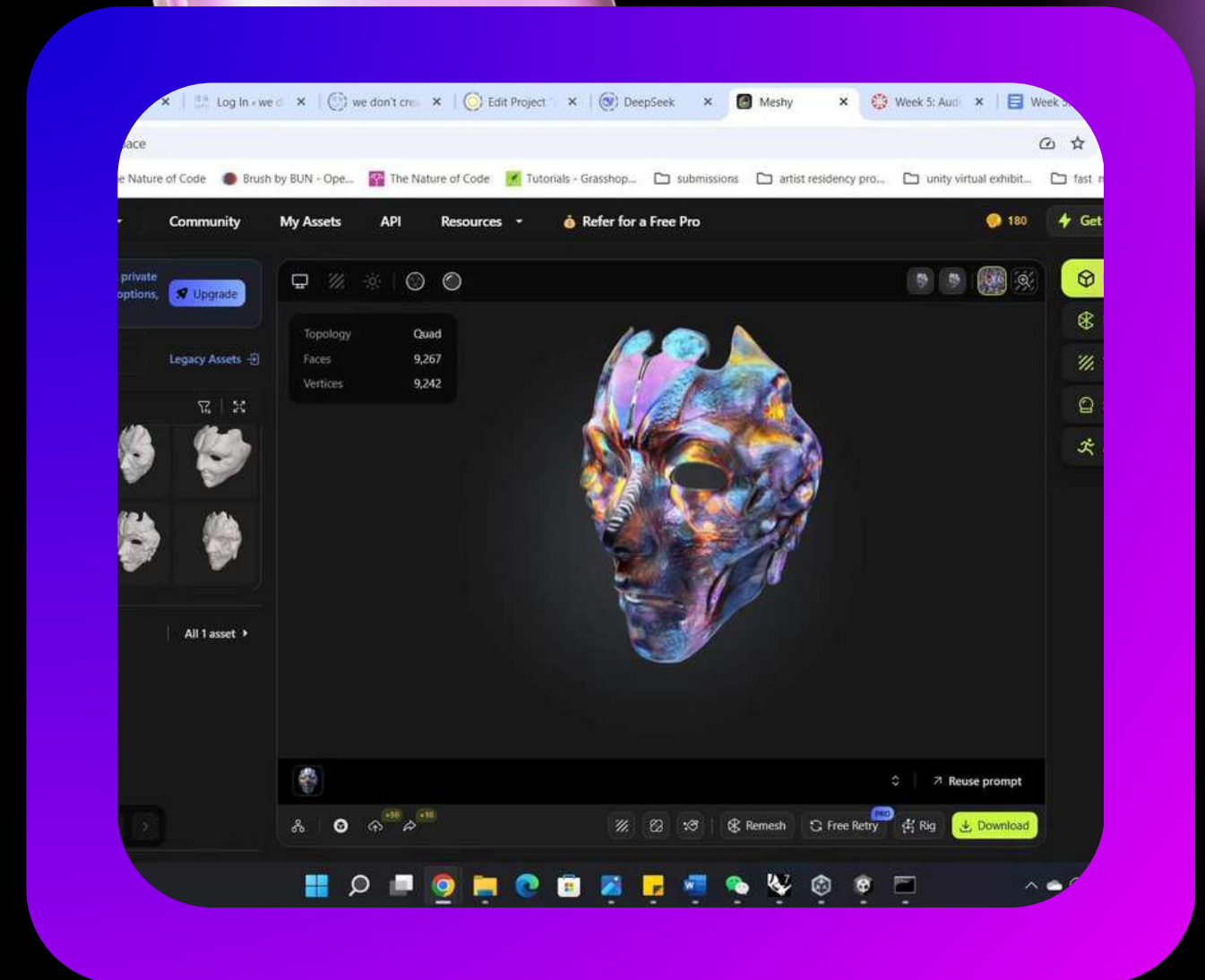
Azure Zhang

Revealing the Living Face

Revealing the Living Face propõe um deslocamento radical da forma como percebemos rostos e identidades. A obra utiliza câmeras térmicas e algoritmos de detecção facial para revelar rostos não como superfícies visuais, mas como sistemas vivos, em fluxo térmico e energético. Ao explorar o fenômeno da pareidolia, questiona os limites entre o que é percebido, o que é interpretado e o que é aprendido pelas máquinas — colocando em xeque os sistemas tradicionais de reconhecimento facial, marcados por vieses e padrões normativos.

Tecnologias Utilizadas:

- Câmera térmica infravermelha + câmera comum
- Algoritmos de detecção facial e pareidolia computacional
- Dataset próprio de imagens térmicas
- Machine learning treinado em bases visuais e térmicas



Azure Zhang

Revealing the Living Face

Experiência do Público:

O público é captado por duas câmeras — uma normal e uma térmica — e vê sua própria imagem projetada em tempo real, conforme os algoritmos processam diferentes modos de “perceber um rosto”. A obra também oferece máscaras físicas de materiais variados que interagem com luz e calor, ampliando a experiência sensorial e revelando diferenças na forma como os sistemas identificam o que é (ou parece ser) um rosto.



Play (Ctrl+P)

Azure Zhang

Minibio

Azure Zhang é artista, curadora independente, desenvolvedora de jogos e pesquisadora interdisciplinar. Graduada pelo Royal College of Art, sua prática combina ciência da computação, arte generativa e estudos de percepção. Seus projetos emergem da relação entre corpo, máquina e ambiente — sempre com enfoque decolonial e pós-antropocêntrico. Atualmente, desenvolve seu doutorado em Computational Media and Arts na HKUST (Hong Kong University of Science and Technology – Guangzhou).

Já apresentou suas obras em instituições como a London Welcome Collection, M50 Shanghai, Russia's Media Festival, Polônia, FIT New York e duas mostras individuais em Xangai. Destaca-se também por seu trabalho como curadora da exposição online Earth Core Gazing, exibida em eventos na China e Itália.



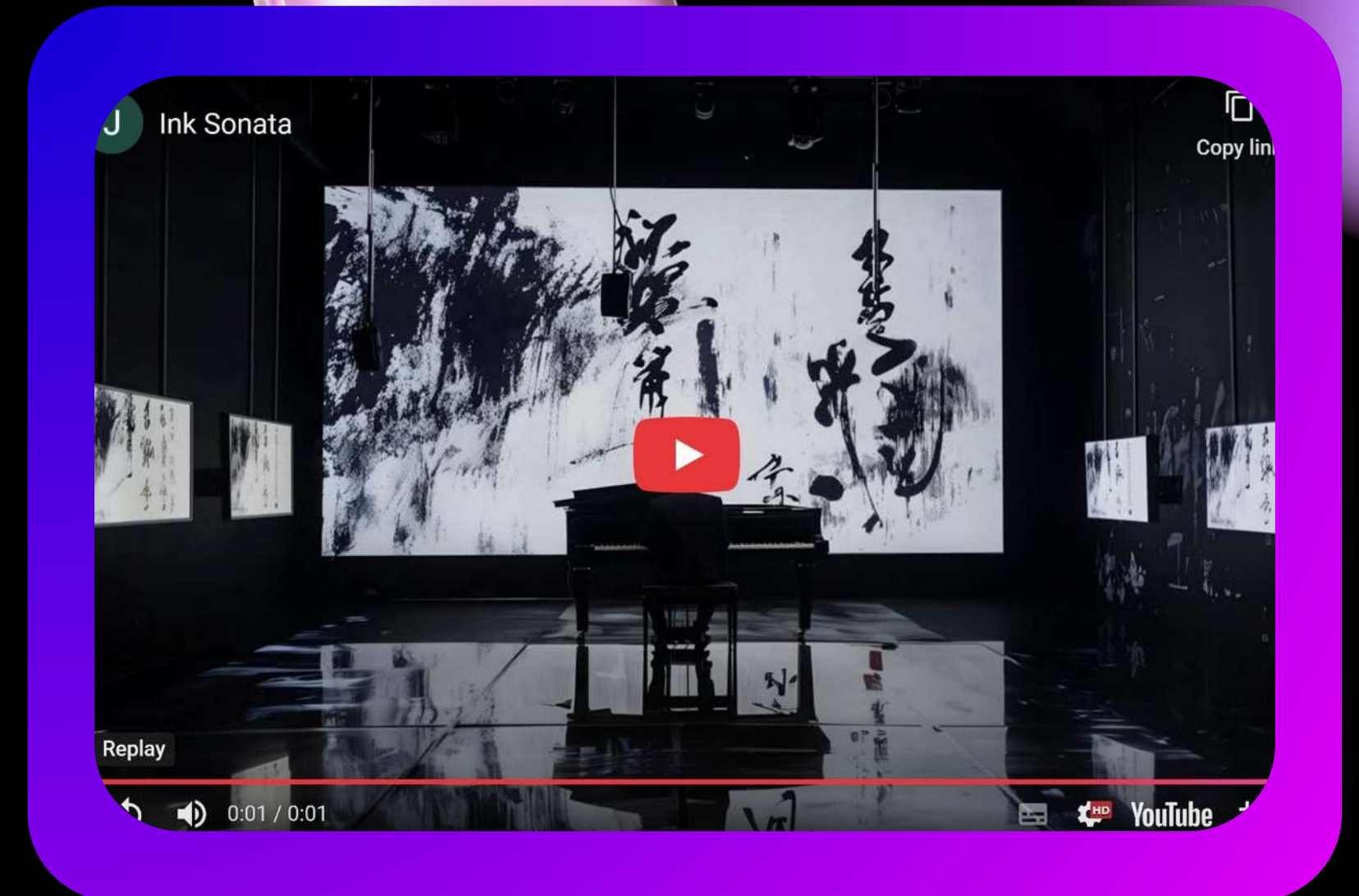
Jiaqi Shi et al.

Ink Sonata

Ink Sonata propõe uma fusão poética entre música, caligrafia oriental e emoção algorítmica. A instalação decompõe obras para piano, como peças de Beethoven, em dados emocionais que são reinterpretados pela inteligência artificial em forma de traços caligráficos, criando uma linguagem visual que evoca a fluidez da tinta e o gesto ancestral da escrita chinesa. A obra coloca tradição e tecnologia em tensão e harmonia, questionando como se produz sentido no cruzamento entre sentimento humano e cognição maquínica.

Tecnologias Utilizadas:

- Sistema de IA treinado para associar características musicais a traços caligráficos
- Reconhecimento e análise de emoção em peças musicais (piano)
- Interface adaptada para piano eletrônico
- Visualização gráfica gerada em tempo real



Jiaqi Shi et al.

Ink Sonata

Experiência do Público:

O público é convidado a explorar caligrafias dinâmicas geradas pela IA em resposta à música executada ao vivo ou pré-gravada. Durante a abertura da exposição, uma performance interativa com piano ativa o sistema, que traduz as notas e nuances emocionais em arte visual, permitindo ao público ver a música se transformar em gesto gráfico. Telas e projeções ampliam essa experiência sinestésica.



月下沉吟賦
Moonlit Reverie - Fu

Moonlight Sonata / Piano Sonata No. 14 in
C-sharp minor, Op. 27, No. 2
Beethoven

夜未央，清輝瀟灑，草木低吟。
The night is still young, the pale light spreads wide, and the grass and trees softly murmur.

明月懸空，如泣如訴，映我心境。
The bright moon hangs in the sky, as if sobbing, reflecting the state of my heart.

絃索窗前，萬籟俱寂，唯聞心聲幽幽。
Sitting alone by the window, all is silent, only the faint sound of my heart echoes in the stillness.

長天寥廓，星辰微黯，難解我愁緒。
The vast sky is empty, the stars dim and faint, my sorrow is too deep to be untangled.

此時此刻，胸中郁結如潮，涌动不息。
At this moment, my chest swells turmoil surging like relentless tides

似那无尽江水，东流去，难归还。
Like the endless river, flowing eastward, never to return.

忽闻林间清音，遥远而来，若隐若现。
Suddenly, I hear a distant sound in the forest, faint and elusive.

竹影摇曳，松风和鸣，恍若佳人对饮。
bamboo shadows swaying, pine winds singing in harmony, as if a fair maiden were sharing a drink.

此乐虽短，然心间顿感释然。
Though brief, the music brings peace to my heart.

世事多变，如梦似幻，岂能久乐？
The world is ever changing, like a dream, like an illusion, how long can joy endure?

暂得欢愉，心头一抹温暖。
For a moment, I find happiness, a warm sensation in my heart,

竟忘却这无边夜色沉寂。
And I even forget the boundless silence of the night.

忽而狂风骤起，天地变色，电闪雷鸣。
Suddenly, fierce winds arise, the world changes color, lightning and thunder roar,

涛声如怒，卷起千堆雪浪。
The waves crash like fury, swirling up snow-white crests.

心中亦知这波涛，翻涌不休。
And my heart is like this tempest, tossing and turning relentlessly.

何处寻安？唯凭一意孤行，坚守初心。
Where to find peace? Only by holding fast to my will, staying true to my original resolve.

待风暴过后，天际初明。
When the storm passes and the sky begins to lighten,

惟有那残月依旧，冷冷相照。
Only the waning moon remains, coldly shining.

使人心平如镜，归于宁静长安。
Bringing my heart to stillness, like a mirror, returning to tranquility and peace.

THE FIRST MOVEMENT
(ADAGIO SOSTENUTO)
Tragedy and Depression

THE SECOND MOVEMENT
(ALLEGRETTO)
Bright and light

THE THIRD MOVEMENT
(PRESTO AGITATO)
Intense and Strong

Azure Zhang

Minibio

Jiaqi Shi (Jaki) é designer visual e artista de novas mídias. Formada pelo Royal College of Art, atualmente é doutoranda em Computational Media and Arts pela HKUST (Guangzhou). Sua pesquisa explora o cruzamento entre inteligência artificial, símbolos culturais e experiência visual.

Com obras apresentadas em plataformas como Ars Electronica, ISEA, Silesian Science Festival e VINCI, Jaki já recebeu mais de dez prêmios em design, especialmente em tipografia e experiências interativas. Seu trabalho investiga como tecnologias emergentes podem preservar dinamicamente heranças culturais e linguagens visuais.

Coautores:

Tianyu Lin

Engenheiro e pesquisador em IA e internet das coisas. Atualmente doutorando, seu trabalho se concentra na intersecção entre estética computacional e patrimônio cultural. Publicou em eventos como SIGGRAPH Art e ACM JOCCH.

Zhijun Ma

Mestrando em Computational Arts, com formação em arquitetura paisagística. Atua em pesquisa de algoritmos caligráficos, estética tradicional chinesa e interação homem-máquina. Participou de conferências como CHI e JCAD.



James She

AI Tanka Culture

AI Tanka Culture propõe uma reflexão sensível sobre a memória, o território e o desaparecimento cultural. A obra mergulha no cotidiano do povo Tanka, comunidade chinesa tradicionalmente ligada à vida aquática, hoje ameaçada pela urbanização. Por meio de uma base de dados com textos e imagens, a inteligência artificial gera animações e instalações multimídia que recriam paisagens, gestos e rituais desse grupo, entre o documental e o imaginário.

Trata-se de uma arqueologia algorítmica que não só preserva o passado, mas o reinscreve no presente por meio de uma estética generativa, fluida e simbólica, onde tradição e tecnologia se fundem.

Tecnologias Utilizadas:

- Algoritmos de IA generativa para imagem e texto
- Banco de dados histórico-cultural sobre o povo Tanka
- Animações interativas e projeções multimídia
- Integração entre objeto físico (barco) e ambiente audiovisual

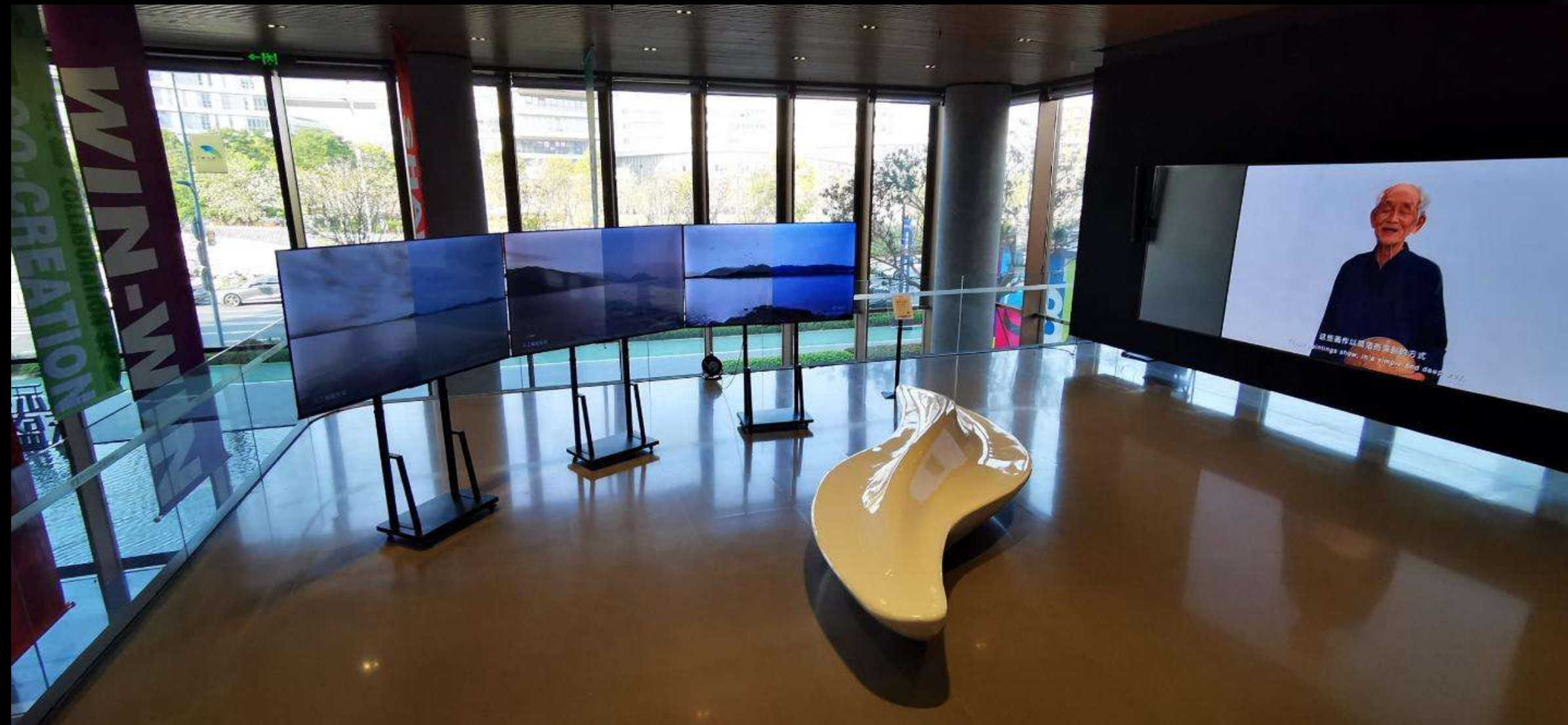


James She

AI Tanka Culture

Experiência do Público:

O público entra em contato com narrativas audiovisuais criadas pela IA que evocam a vida cotidiana dos Tanka: barcos, rios, pesca, paisagens. Uma instalação interativa recria um barco artesanal como objeto escultórico e assento coletivo, convidando o visitante a se sentar no tempo da memória. A visualidade se projeta no entorno, enquanto o som e o movimento do público ativam camadas sensoriais de reconstrução histórica.



James She

Minibio

James She é artista, curador e professor associado em Computational Media and Arts na HKUST (Guangzhou). Possui doutorado em Engenharia Computacional pela University of Waterloo (Canadá) e atua na convergência entre IA, multimídia, arte e cultura.

Com exposições em países como Qatar, Emirados Árabes, Coreia do Sul, Austrália e China, seu trabalho combina design computacional, preservação cultural e inovação estética. Destaca-se pela curadoria de exposições interativas com IA e conteúdo gerado por máquina, especialmente ligadas à memória coletiva e identidade cultural.



Joshua Nijiatu Alimujiang

Heliotropism Synergy

Heliotropism Synergy é uma escultura cinética e generativa que investiga as relações entre tempo, natureza e tecnologia através da metáfora do girassol. Inspirado no fenômeno do heliotropismo — a capacidade de certas plantas de seguir o movimento do sol — o artista propõe um diálogo entre os ciclos solares da China e do Brasil, separados por 11 horas de fuso horário.

A instalação utiliza esculturas sensíveis à luz e dados solares para traduzir diferenças temporais em movimento e narrativa visual, revelando a tensão entre tempo ecológico e tempo digital, entre natureza e lógica algorítmica.

Tecnologias Utilizadas:

- Sensores solares e API de dados climáticos em tempo real
- Esculturas cinéticas com atuadores Arduino e materiais flexíveis
- IA generativa para projeção visual com estética binacional
- Mapeamento responsivo entre movimento e ambiente



Joshua Nijiatu Alimujiang

Heliotropism Synergy

Experiência do Público:

Duas esculturas de girassóis, feitas em impressão 3D com materiais biomiméticos, se movem de forma orgânica em tempo real, guiadas por dados solares dos dois países. Cada movimento das “flores” aciona projeções visuais inspiradas em paisagens e arquiteturas chinesas e brasileiras — como montanhas em tinta e concreto modernista. O ambiente reage ao público e se transforma em uma espécie de relógio transcultural e sensível, onde o tempo não é uma medida, mas uma experiência viva.



Joshua Nijati Alimujiang

Minibio

Joshua Nijati Alimujiang é artista multidisciplinar e pesquisador. Mestre em Filosofia pela HKUST (Guangzhou), tem formação em engenharia estrutural e design arquitetônico. Sua prática integra arte, tecnologia e sustentabilidade, com ênfase em sistemas sensíveis e tempo expandido. É membro da American Society of Civil Engineers e do Chartered Institute of Building, com atuação em pesquisa sobre diversidade e justiça climática. Seus trabalhos já foram apresentados nos Estados Unidos, Áustria, Japão e Singapura, em exposições que combinam arte crítica e inovação ambiental.



Xuanyang Huang

'L' — AI Generated Film

'L' é uma instalação que investiga a relação entre imagem, memória e identidade por meio da inteligência artificial. A obra parte de negativos analógicos anônimos encontrados em um mercado de pulgas — fotografias em preto e branco, urbanas e melancólicas, datadas de cerca de 1970. A partir dessas imagens, o artista cria uma narrativa fictícia: um corpo de trabalho atribuído a um fotógrafo inexistente, batizado de L.

Por meio de IA generativa e fluxos de vídeo capturados ao vivo, a instalação transforma cenas reais atuais em fotografias “do passado”, criando uma arqueologia ficcional da imagem. O resultado é um jogo entre o real e o imaginado, entre a lembrança coletiva e a memória fabricada.

Tecnologias Utilizadas:

- IA generativa para imagem (estética fotográfica analógica)
- Câmeras de rua ao vivo como fonte de dados visuais
- Prompt engineering para construção narrativa
- IA de linguagem natural (NotebookLM ou similar) para simular crítica de arte em rádio



Xuanyang Huang

'L' — AI Generated Film

Experiência do Público:

O público vê slides gerados por IA com estética analógica — cenas urbanas e humanas tratadas como documentos históricos. Simultaneamente, um programa de rádio simulado, gerado por IA e treinado com críticas de arte, comenta essas imagens como se elas fossem parte do acervo de um fotógrafo real.

Essa sobreposição entre imagem e narração crítica artificial estimula o visitante a **refletir sobre a veracidade da imagem, a autoria e a manipulação da memória.**

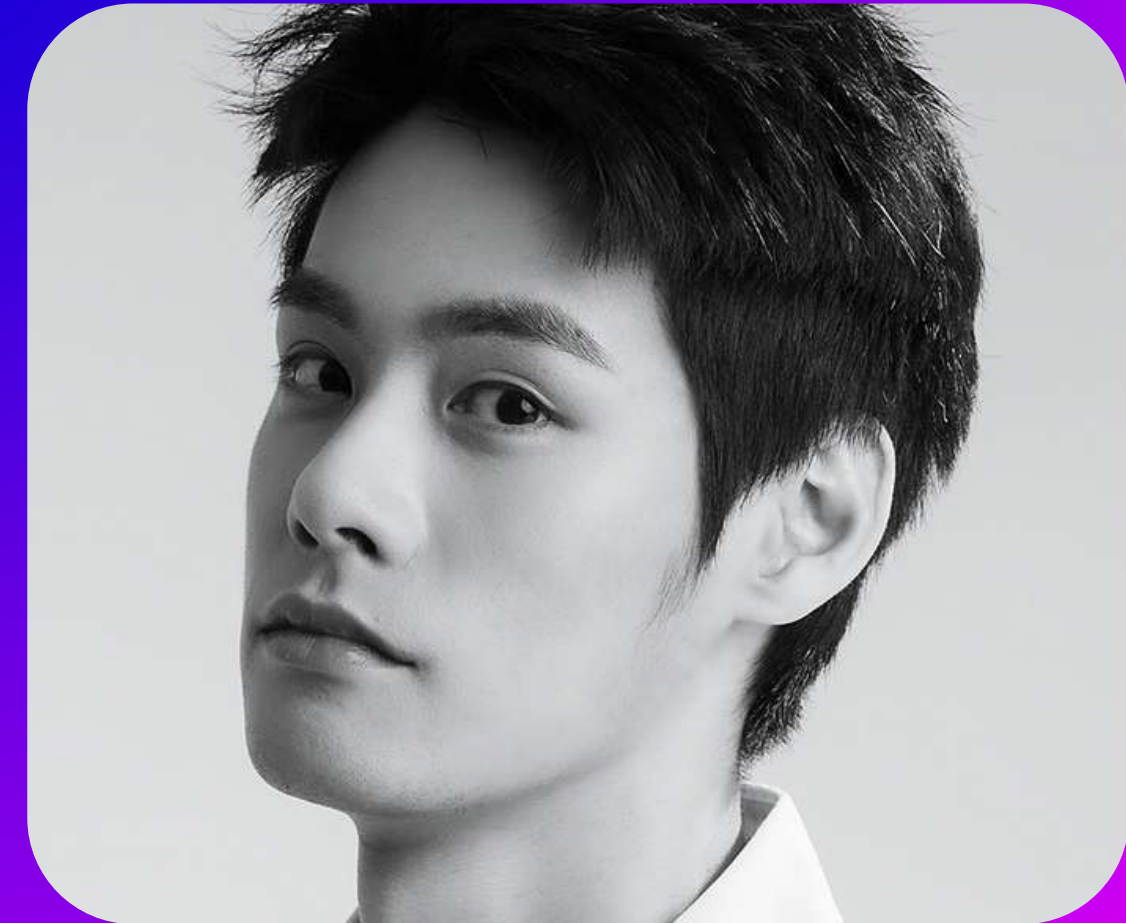


Xuanyang Huang

Minibio

Xuanyang Huang é artista visual e doutorando em Computational Media and Arts pela HKUST (Guangzhou). Seu trabalho explora os potenciais críticos e narrativos da inteligência artificial na construção de realidades ficcionais. Atua na fronteira entre imagem técnica, memória e identidade cultural.

Foi finalista do Arte Laguna Prize (2023–2024), e já apresentou seus projetos em eventos como SIGGRAPH Asia, ISEA e xCoAx. Lecionou no programa Technoetic Art de Roy Ascott e possui mestrado em Creative Media pela City University of Hong Kong.



Jue Wang

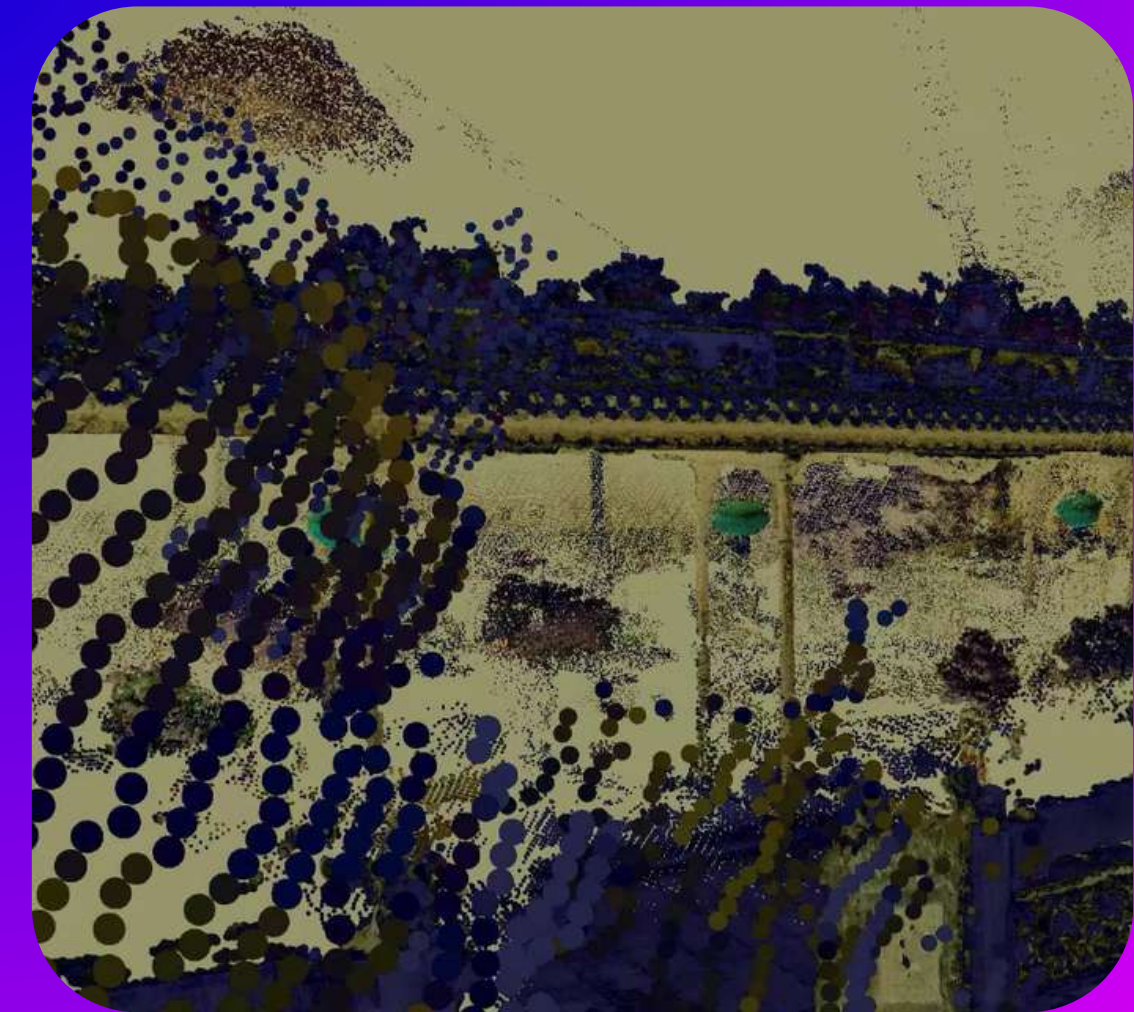
Drifting Through Lychee Bay

Drifting Through Lychee Bay é uma experiência audiovisual que funde fenomenologia cultural, mitologia taoísta e paisagens urbanas históricas por meio de tecnologias imersivas. Inspirada na teoria do dérive (ou deriva), a obra reconstrói poeticamente a região de Liwan, em Guangzhou, combinando arquitetura tradicional, artesanato intangível e espiritualidade taoísta.

A instalação utiliza capturas 3D baseadas em NeRF (Neural Radiance Fields) e camadas de partículas para criar uma espécie de cinema expandido meditativo, que propõe a reconfiguração da memória coletiva e das relações entre cidade, natureza e espiritualidade.

Tecnologias Utilizadas:

- NeRF (Neural Radiance Fields) para reconstrução 3D de espaços reais
- Animação de partículas para transições entre camadas arquitetônicas e simbólicas
- Trilha sonora imersiva e projeções em 4K com sincronia ambiental
- Interação espacial não-linear (imersão e deriva do corpo no ambiente)



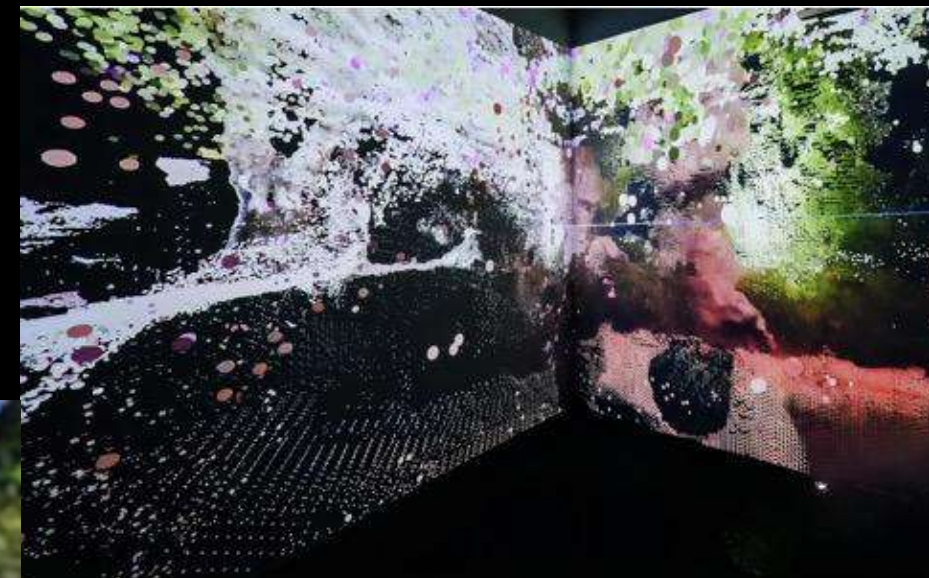
Jue Wang

Drifting Through Lychee Bay

Experiência do Público:

O público é envolvido por projeções em três paredes com cenas da região de Lychee Bay — rios, salgueiros, construções ancestrais, e ornamentos mitológicos que se dissolvem em partículas sensoriais. Ao atravessar esse espaço, o visitante navega entre tempos e atmosferas, num fluxo onde tradição, paisagem e corpo se fundem.

A obra convida a habitar memórias não-lineares e ativar vínculos com o invisível, abrindo espaço para imaginar outras ecologias urbanas e espirituais.

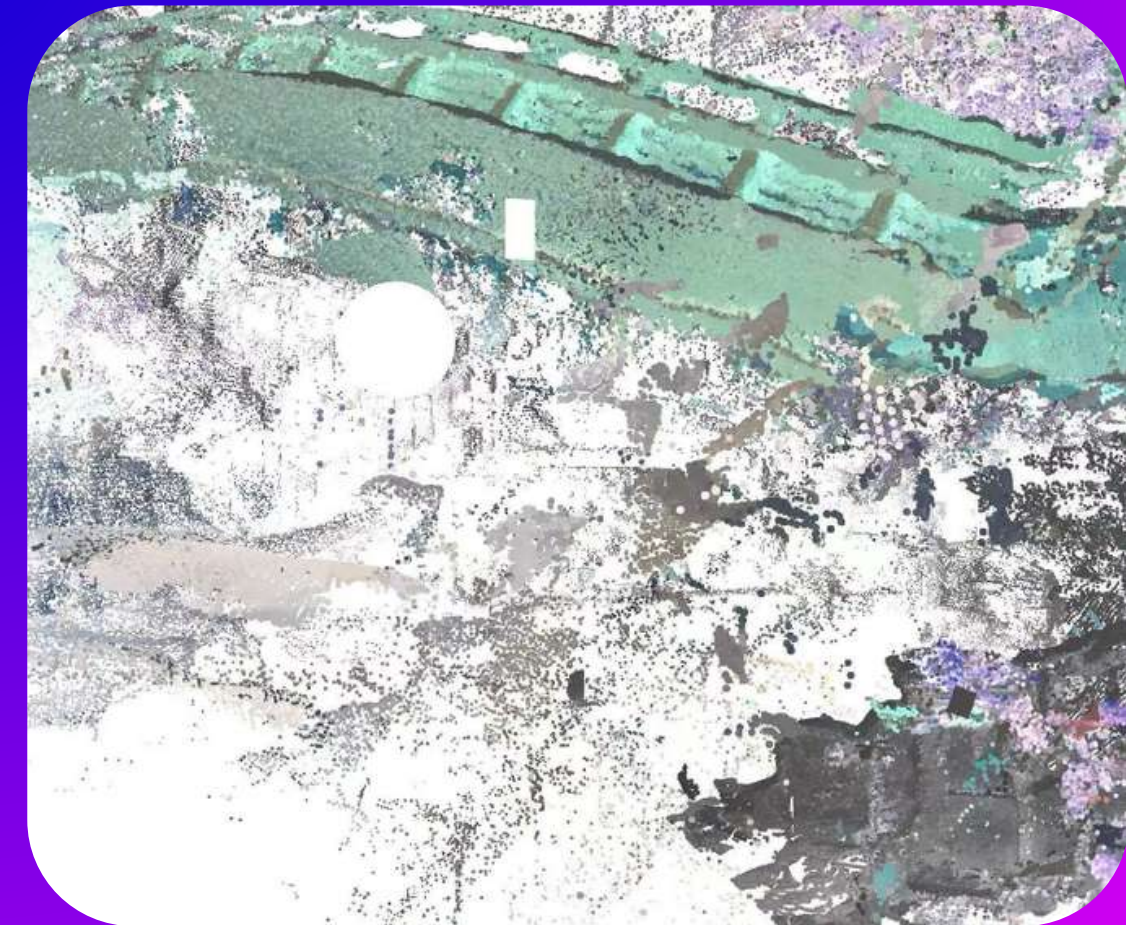


Jue Wang

Minibio

Jue Wang (Joanna) é artista-pesquisadora e doutoranda em Computational Media and Arts pela HKUST (Guangzhou). Seu trabalho integra filosofia pós-moderna, espiritualidade oriental, design ambiental e tecnologias imersivas, com foco em narrativas ecológicas e cosmológicas.

Sua prática se articula por meio de cinema expandido, performances audiovisuais e experiências multiespécie, investigando como os humanos podem se reconectar com o tempo, a natureza e o sutil. Atua em projetos que entrelaçam design urbano, tecnologias narrativas e fenomenologia sensível.



Zoe Li

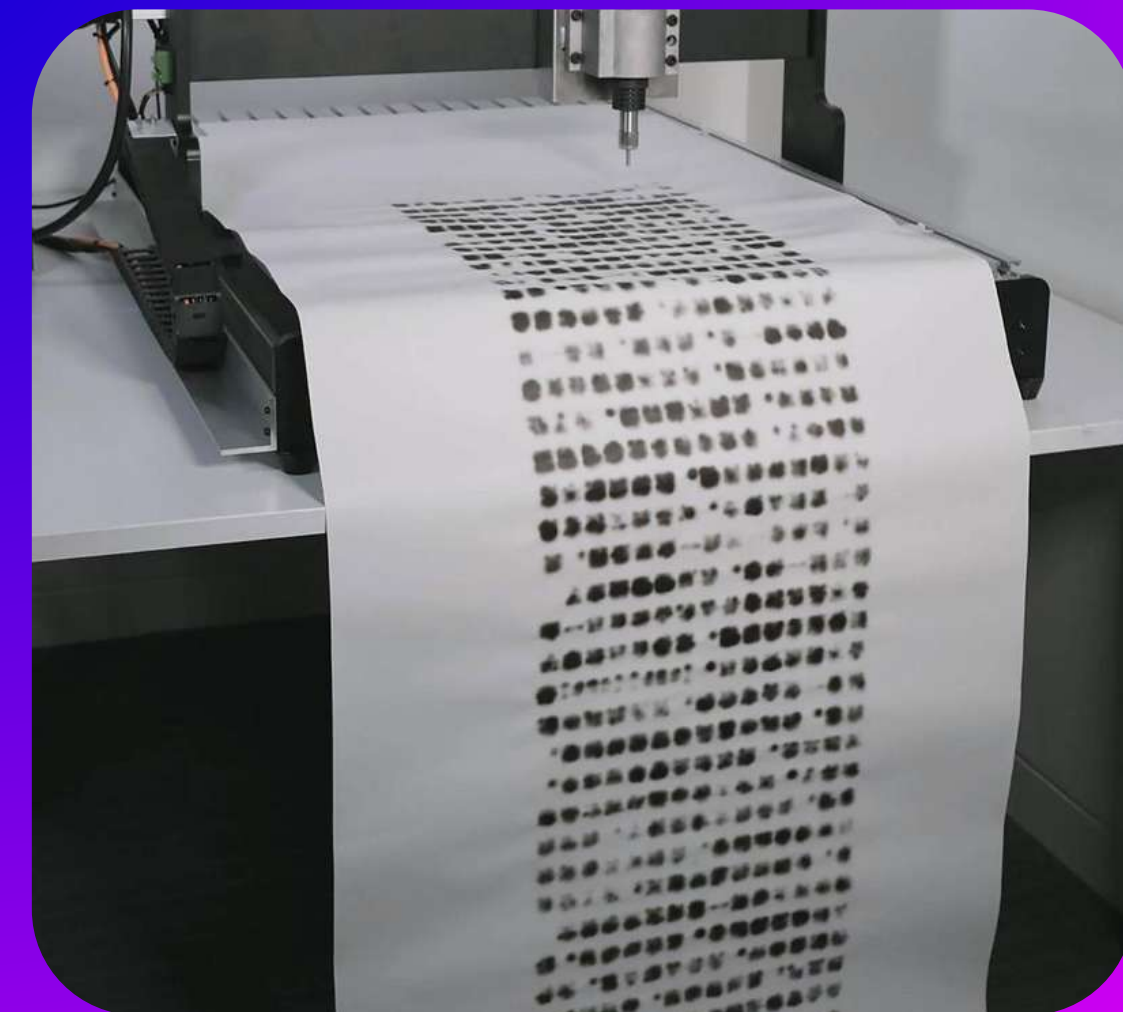
A Sigh

A Sigh é uma instalação que subverte a lógica utilitária da inteligência artificial. Em vez de gerar conteúdo legível ou funcional, a obra transforma texto em vapor — literalmente. Treinada com milhares de diários escritos na China durante a última década, a IA cria entradas diarísticas para o futuro, mas ao final, tudo o que resta é um sopro quente de ar: um suspiro.

Ao acoplar IA a uma máquina CNC modificada que emite calor sobre papel térmico, Zoe Li propõe uma poética da inutilidade, da incomunicabilidade e do silêncio. A obra recusa a produtividade e evidencia a falha como espaço de experiência.

Tecnologias Utilizadas:

- IA treinada com corpus de diários chineses contemporâneos
- Geração de texto automático diarístico (text-to-text)
- Dispositivo CNC adaptado para emitir ar quente
- Impressão indireta com papel térmico e desaparecimento gradual da escrita



Zoe Li

A Sigh

Experiência do Público:

O público vê folhas de papel térmico impressas com traços quase apagados, borrões poéticos que evaporam. A máquina sibila, sopra, e o texto se dissolve antes mesmo de poder ser compreendido. É uma presença ausente, um conteúdo não consumível, um gesto efêmero.

O projeto nos lembra que nem mesmo os algoritmos são capazes de fazer alguém entender o outro — e que talvez isso nunca tenha sido o ponto.



Zoe Li

Minibio

Zoe Li é artista interdisciplinar especializada em robótica, performance e instalações interativas. Suas obras investigam a posição do “eu” em sistemas — sejam eles culturais, históricos, virtuais ou físicos — criando experiências que questionam o que é normal, funcional ou belo.

Graduada pela School of the Art Institute of Chicago, mestre em artes digitais pela Pratt Institute (NYC), e doutoranda em Computational Media and Arts na HKUST (Guangzhou), Zoe tem apresentado seus projetos em instituições como o Museu de Arte de Shenzhen, TEI 2024, Macau Biennale, Siggraph e Fake/Reality Daedalus Festival.



Yu-Fan Li (LiyuFan)

Bitter Data

Bitter Data transforma o sofrimento coletivo em uma experiência sensorial íntima. A obra parte da análise de 100 mil postagens de aflição nas redes sociais chinesas, convertidas em dados, que são então traduzidos em níveis de amargor e cor em diferentes infusões de chá.

O projeto propõe uma nova categoria estética: a edibilização de dados. Em vez de gráficos ou estatísticas, o público é convidado a sentir o peso do sofrimento alheio através do gosto, do cheiro, da textura e da temperatura. O dado deixa de ser abstração: ele passa pela boca, pela expressão facial, pelo corpo.

Tecnologias Utilizadas:

- Análise de big data de postagens de sofrimento (extração de sentimentos)
- Mapeamento de dados em intensidade de sabor (amargor, cor do chá)
- Detecção facial e leitura emocional durante a degustação
- Output visual gerado a partir das reações do público



Yu–Fan Li (LiyuFan)

Bitter Data

Experiência do Público:

Em uma mesa com 11 xícaras de chá, cada uma representando um ano de dados, os visitantes experimentam diferentes intensidades de amargor — acompanhadas por pedaços de pão ázimo. Durante a experiência, seus rostos são captados e analisados por IA, transformando reações emocionais em imagens. A instalação audiovisual ao fundo exibe esses registros, gerando uma cartografia gustativa da dor coletiva.



Yu-Fan Li (LiyuFan)

Minibio

Yu-Fan Li, também conhecida como Fish, é artista e pesquisadora. Doutoranda em Computational Media and Arts pela HKUST (Guangzhou), investiga os mecanismos neurais e computacionais da percepção estética, com ênfase em cor, emoção e dados sociais.

Sua prática cruza arte e ciência para propor formas híbridas de expressão e compreensão. Em Bitter Data, ela inaugura uma nova poética da dor compartilhada — uma arte que se prova, se digere, se sente na carne e na boca. Seus projetos abordam o paradoxo da estética computacional em tempos de crise, aproximando tecnologias emergentes de experiências humanas profundas.



Aven Le Zhou

More-than-Harmonic

More-than-Harmonic é uma instalação interativa que investiga o entrelaçamento do olhar com os mundos possíveis. A partir de uma composição audiovisual imersiva, a obra convida o visitante a habitar uma paisagem virtual moldada pelo movimento de seus olhos, explorando o conceito de worlding — a criação de mundos sensíveis em tempo real.

Inspirado pela pintura chinesa shanshui (montanha-água), Aven Le cria um ambiente que reage ao olhar e o arquiva como memória estética, produzindo uma experiência única para cada visitante. A cada nova visita, o ambiente se reconstrói, reforçando a ideia de que ver é criar — e que a percepção é sempre um ato transformador.

Tecnologias Utilizadas:

- Headset VR (Meta Quest 2/3) com eye-tracking em tempo real
- Software desenvolvido em Unity + Python
- Sistema de gaze-driven animation + áudio responsivo
- Geração e arquivamento automático de vídeos únicos por visitante



Aven Le Zhou

More-than-Harmonic

Experiência do Público:

O público interage com a obra por meio de um headset de realidade virtual. Ao movimentar o olhar dentro do espaço imersivo, elementos visuais e sonoros se reorganizam dinamicamente, gerando uma paisagem que responde em tempo real às intenções perceptivas do visitante. Após a experiência, uma versão da jornada visual é salva como vídeo, compondo um arquivo visual de subjetividades.

O que o visitante vê, escuta e ativa torna-se parte da própria obra — que nunca se repete e nunca se encerra.



(a) One immersant interacts.



(b) One bystander views synchronized A.



(c) One bystander views synchronized A.



(d) One bystander views the synchronized A and the other on textural C.



(e) Reflections and discussion between past immersants.



(f) Bystander becomes immersant after “witness” the experience.

Aven Le Zhou

Minibio

Aven Le Zhou é artista-programador, pesquisador e professor universitário. Doutorando em Computational Media and Arts pela HKUST (Guangzhou), é também Fellow da Royal Society of Arts e membro da Chartered Society of Designers.

Sua prática cruza inteligência artificial, mídia interativa, design generativo e estética computacional, com foco em mundos imersivos e cognição ampliada. Atua como diretor do laboratório de experiências interativas da Xi'an Jiaotong-Liverpool University, e já expôs em diversos países, incluindo Canadá, Coreia do Sul, Turquia e China.

Seus projetos buscam romper com as formas tradicionais de representação para propor experiências perceptivas singulares, onde o público não consome a obra: ele a constrói com o olhar.



Acessibilidade como Poética

Em Sensory Percepts, a acessibilidade não é um complemento técnico — é parte intrínseca da linguagem estética e da proposta ética da exposição.

- As obras exploram diferentes formas de sentir o mundo, utilizando som, luz, calor, tato, sabor e vibração.
- O público não precisa enxergar, ouvir ou ler da forma convencional para interagir: a experiência é multissensorial, fluida e inclusiva.
- A exposição reconhece a diversidade de corpos, mentes e percepções como potência criativa, e não como limitação.
- Ao integrar acessibilidade à própria construção poética, as obras convidam todos os públicos a participar da criação do instante vivido.

Impacto Cultural e Educacional

A exposição Perceptos Sensoriais opera como um campo de convergência entre arte, ciência, tecnologia e filosofia, com um impacto que ultrapassa os limites da galeria. Seu alcance se desdobra em três dimensões principais:

Formação e Mediação

- Estimula o pensamento crítico sobre inteligência artificial, cognição e estética contemporânea.
- Oferece base para atividades educativas em escolas, universidades e espaços culturais.
- Potencial para oficinas, visitas mediadas e encontros interativos com diversos públicos.

Inclusão e Acessibilidade

- Amplia o acesso à arte por meio de obras que atuam com som, luz, tato, temperatura, sabor e movimento.
- Integra a acessibilidade como parte da linguagem poética e estética das obras.
- Valoriza a pluralidade de corpos, culturas, percepções e modos de sentir.

Circulação e Cooperação

- Potencial para itinerância internacional e articulações em rede.
- Estimula parcerias entre instituições culturais, universidades, coletivos tecnológicos e centros de pesquisa.
- Propõe uma arte que se move entre contextos, tecendo diálogos entre o local e o global, o tradicional e o emergente.

O Novo Papel da Arte no Século XXI

A exposição Perceptos Sensoriais propõe uma inflexão decisiva no entendimento da arte contemporânea. Não se trata mais de contemplar objetos estáticos, mas de habitar experiências sensíveis, em fluxo.

Atravessamos, então, transformações fundamentais — não apenas no modo de criar, mas no modo de estar com a arte.

- De uma obra fechada, para uma arte viva e em processo
- Da contemplação distanciada, para uma presença compartilhada e responsiva
- Da representação figurativa, para a encarnação do instante vivido
- Do controle e da previsibilidade, para a escuta e o acaso
- Da genialidade individual, para a inteligência expandida entre corpos e códigos

Essa arte não entrega respostas — Não quer ser entendida, mas sentida, friccionada, habitada.



Ficha Técnica & Contato

Curadoria: Tania Fraga

Produção Executiva: Byron Mendes – MetaGallery

Artistas Participantes

Azure Zhang

Jiaqi Shi, Tianyu Lin e Zhijun Ma

James She

Joshua Nijati Alimujiang

Xuanyang Huang

Jue Wang

Zoe Li

Yu-Fan Li

Aven Le Zhou



MetaverseAgency



MetaGallery

Contatos

E-mail institucional:

gallery.metaverseadm@gmail.com

E-mail produção:

byron@metamundi.info